

Antes de tudo, é necessário pontuar a percepção do grupo sobre o conceito do Fim do Mundo - no sentido literal. Desde a Antiguidade, diversas culturas partilham um fascínio pela idéia do fim. Entendemos que um dos motivos dessa obsessão está no contraste entre a finitude da vida e a eternidade do tempo, criando assim uma ansiedade coletiva em imprimir em seu tempo legados que serão passados para outras gerações, condenadas também a serem matérias finitas em um tempo infinito.

O que seria o infinito afinal? Várias práticas já foram usadas para concretizar o infinito, ou simplesmente a idéia de infinito. E todas elas, englobadas em um único conceito capaz de caracterizar seu real significado, estão vinculados a idéia de memória. A memória de um tempo, a memória de um espaço, a memória de uma sensação, do patrimônio, do desenvolvimento, da vida. A memória, portanto, como ferramenta indiscutível e infalível para a infinitude da vida humana.

A partir destas reflexões ficou claro em nossas discussões a relação da eternidade com a memória. A memória de um espaço e a memória de um tempo. Tempo este que está em constante viagem e movimento, e não se cessa em momento algum, é contínuo. Em um trecho do texto "Hope. Why we need it now.", da publicação do Pavilhão da França na Bienal de Veneza de 2018, o autor descreve a relação da construção afetiva entre as pessoas e os espaços, enquanto "*nós habitamos os espaços, mas os espaços que também habitam em nós*" e assim faz-se o poder da construção da memória sobre os lugares.

A idéia de memória traduzida pelo espaço pode se dar de diversas maneiras, entre elas a ideia de transformação - transformação do tempo, transformação da matéria, transformação do uso. Os espaços são configurados por elementos diversos além da própria arquitetura. Esses elementos são vinculados ao uso do espaço, às emoções sentidas, aspirações, inspirações, e o simples fato de existir. Espaços precisam de pessoas para existirem, e também são a transformação de gerações. A criação de raízes e ancestralidade.

Por exemplo, na obra audiovisual "Video Walk", do artista Alter Bahnhof, o espectador é guiado por um vídeo no celular dentro de uma estação de trem. Enquanto o telespectador passeia pelos espaços guiado pelo celular, imagens de vídeo do mesmo lugar são passadas de um momento diferente, com situações diferentes. A leitura que se faz do espaço se torna extremamente especial porque possibilita ao telespectador ser transportado para um outro tempo do mesmo lugar. A simples possibilidade de enxergar através de uma tela um outro tempo no mesmo lugar possibilita o enriquecimento das memórias e o

entendimento da importância de se fazer presente para tal leitura.



Investigando um vínculo entre espaço, memória e transformação, outro trabalho muito significativo é o da artista Laura Vici, na exposição Arte Cidade III. Nesta obra, a artista dispôs dentro do edifício do Moinho toneladas de areia sobre uma laje com um furo milimétrico. Com o passar do tempo, esta areia foi se dissipando e formando um novo monte de areia no andar de baixo. A partir da transformação de toneladas de areia sobre um buraco de poucos milímetros, em um edifício industrial robusto, é possível travar uma rica discussão a respeito da transformação que o tempo produz, e das memórias de um espaço em constante mutação. O poder de pequenos movimentos sobre grandes massas. O poder do tempo. O poder da ressignificação.



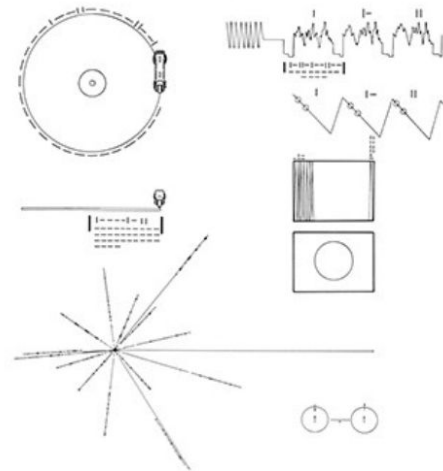
Não muito distante dessa discussão, também podemos nos referir aos inúmeros espaços residenciais que sofrem constante transformação e imprimem assim um extenso

trabalho de construção de uma memória individual, materializada por uma estrutura capaz de configurar memórias coletivas de um tempo. O processo de demolição do conjunto habitacional de Bijlmer, em Amsterdam, é um destes exemplos. Bijlmer foi um projeto de habitação social pós-guerra na Holanda extremamente controverso em sua concepção, execução e funcionamento. Entretanto, por mais que tivesse sido extremamente renegado por grande parte da sociedade e dos críticos, e deixado à margem das preocupações do poder público, Bijlmer foi logo totalmente apropriada por sociedades marginalizadas da Holanda e por famílias com pensamentos alternativos dispostos a viver em um ambiente aparentemente inóspito. Aparentemente, porque bastou um terrível acidente aéreo destruir parte dos edifícios para toda a sociedade se dar conta de que aquele espaço era plenamente ocupado e transformativo. Numa foto da ocasião, a fachada seca e homogênea deste edifício que era símbolo de um grande vazio, aparenta uma quebra estrutural que deixa a mostra paredes internas de, na verdade, um edifício cheio de vida e constante transformação, capaz de imprimir em sua própria estrutura tempos e grupos diversos.

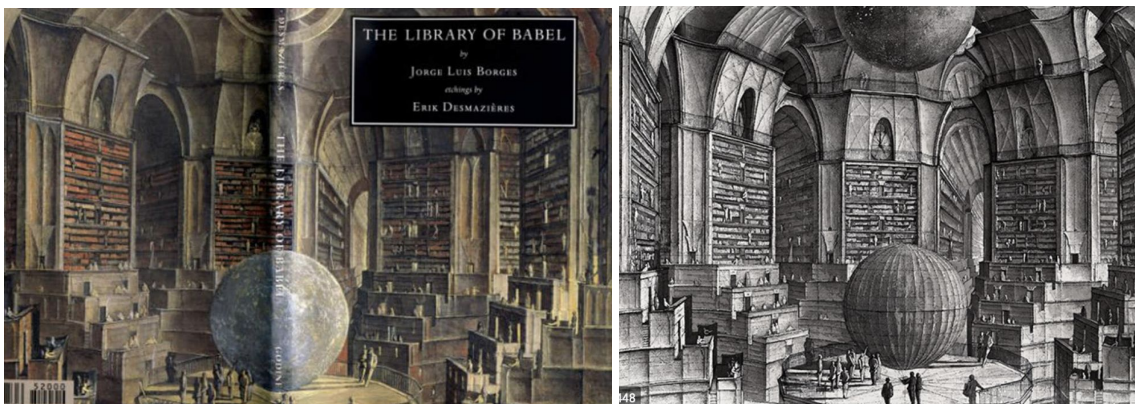


Não há um vínculo expressivo com a discussão entre memória e espaço com outros exemplos discutidos pelo grupo, como a Biblioteca de Babel ou o Golden Record. Ambas ferramentas travam uma discussão sincera entre o poder da tecnologia e a construção da memória coletiva ou individual. Assim, o Golden Record é um disco de vinil feito em ouro lançado ao espaço durante os anos 70. Este disco altamente resistente contém, além de diversas faixas de som, com músicas, discursos e frases de todas as línguas, também contém diversos diagramas da posição espacial do planeta e informações básicas sobre a raça humana. A intenção é que este disco seja encontrado eventualmente por alguma outra sociedade extraterrestre capaz de desvendar os mistérios do Planeta Terra e o ser humano. Lançado ao universo para quem sabe em alguns milhões de anos ser reencontrado, torna a humanidade e toda sua memória eternizada em sua concepção poética e prática.





Já a Biblioteca de Babel, por exemplo, é um espaço idealizado na obra do escritor argentino Jorge Luis Borges, sendo uma plataforma extraordinária capaz de conter, a partir da combinação de todas as letras e palavras do alfabeto, todos os textos, todos os livros e todos os discursos que já foram criados alguma vez na história, e todos aqueles que ainda virão a ser criados para o resto da eternidade. Enquanto na obra de Jorge Luis Borges a Biblioteca era um espaço puramente idealizado em sua construção poética, com o advento da tecnologia, esta suposição torna-se realidade com uma plataforma digital, tornando-se assim possível a criação deste banco de dados infinito em conteúdo e em tempo.



Assim fazemos o pulo entre o poder da tecnologia na construção das memórias e das experiências da sociedade nos dias atuais. Segundo o agente da CIA Gus Hunter, pensador e crítico sobre os impactos da tecnologia no desenvolvimento da sociedade, hoje "*nós somos basicamente plataforma de sensores ambulantes*", capazes de transformar conteúdos, memórias e experiências em dados infinitos extremamente valiosos para os novos meios de produção e criação de bens valiosos. Tal capacidade faz da tecnologia a grande "bola de cristal" dos tempos modernos, capaz de transformar os novos meios de comunicação, manipulação social e política, conectividade multicelular e desenvolvimento comercial e industrial.

No campo do desenvolvimento da tecnologia na construção das experiências e memórias da sociedade, a filósofa norte-americana Alison Landsberg, através dos pensamentos introduzidos no livro *“Prosthetic Memories: The Transformation Of American Remembrance In The Age Of Mass Culture”*, faz-se um paralelo entre as idéias de "memória coletiva", e "memórias protéticas". As memórias coletivas são as memórias criadas a partir das experiências próprias, e disseminadas por meio de sociedades e religião. Entretanto, esta forma de se construir uma memória foi fortemente transformada com o desenvolvimento das mídias de massa (rádio, cinema, televisão), em especial com o desenvolvimento das técnicas cinematográficas. Esta ferramenta foi capaz de disseminar para um mundo muito mais globalizado, experiências riquíssimas de momentos e tempos que não necessariamente estão vinculados às suas próprias experiências ou da sociedade a que pertence. Por isso o nome "memórias protéticas", pois são como se fossem próteses a uma mente, de forma não orgânica, muito mais ligada à construção da imagem pronta, do que da imaginação.

Essa questão nos fez pensar na memória vinculada às mídias de massa, mais ou menos na década de 1920, onde se obteve uma memória fortemente ligada à tecnologia, o cinema, a televisão. Para Alison Landsberg essas comunicações em massa tiveram um impacto enorme em nossa forma de nos relacionar com nossa memória. Já que esta é uma memória implantada, ou seja, protética.

As técnicas cinematográficas capazes da criação rica de experiências e formação de "memórias protéticas", deu lugar a uma ferramenta muito mais dinâmica e fluída, as mídias sociais. Essas tem seu caráter nos dias atuais como as fazedoras de experiências e memórias, a ferramenta essencial da *"plataforma de sensores ambulantes"* da indústria e sociedade atual. Entendendo a importância da memória e da tecnologia, qual a importância das mídias sociais para a transformação das experiências da sociedade nos espaços? Qual a influência das mídias sociais na construção dos espaços e na interrelação social? Qual a influência das mídias sociais na criação das memórias?

A partir destas perguntas, nós como grupo entendemos a disposição em investigar as potencialidades das mídias sociais e desenvolvimento da idéia de compartilhamento simultâneo para a transformação e entendimento do espaço físico comum entre as pessoas, e portanto, o maior conhecimento desta nova ferramenta de criação de dados e informações que aparentam ser a nova biblioteca da sociedade.